VOZES EM HARMONIA:

Transformação social por meio da música

Comunicação

GTE 02: Canto Coral: práticas, pesquisas e processos de ensino-aprendizagem em diferentes perspectivas

Kadmo Cristiano Zambon
Universidade Federal de Mato Grosso
kadmozb@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que investigou a prática do canto coral com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social atendidos na Rede Cidadã, um programa socioeducativo desenvolvido na cidade de Cuiabá-MT. O objetivo foi compreender como a prática do canto coral contribuiu para as experiências vividas pelos participantes nesse contexto. Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa e objetivos descritivos, desenvolvido a partir de observação participante, registros de observação, rodas de conversa, entrevistas com alunos e responsáveis e aplicação de questionários em dois momentos da pesquisa. A análise dos dados foi orientada pelos eixos motivação, experiência emocional e identidade, por meio da triangulação entre as diferentes fontes. Os resultados indicam que a prática coral favoreceu experiências relacionadas à aprendizagem musical, ao prazer de cantar, ao fortalecimento de vínculos, ao sentimento de pertencimento, à expressão emocional, ao reconhecimento de capacidades pessoais e à participação no grupo, ainda que tenham ocorrido de maneira heterogênea entre os participantes. Conclui-se que o canto coral, quando desenvolvido em um ambiente de escuta, acolhimento e participação, pode constituir um espaço de formação musical e humana, no qual a aprendizagem musical, a participação, a construção de vínculos e o reconhecimento de cada pessoa se desenvolvem de maneira integrada.

Palavras-chave: canto coral; educação musical; vulnerabilidade social.

Introdução

A escuta, o afeto e o reconhecimento da expressão individual são elementos essenciais ao desenvolvimento humano, sobretudo em sua dimensão emocional. No entanto, em contextos de vulnerabilidade social, esses fundamentos muitas vezes se encontram fragilizados, especialmente entre crianças e adolescentes. Nessa realidade, a música pode abrir caminhos educativos importantes, ao favorecer, com delicadeza e consistência, processos de fortalecimento, participação e empoderamento, desenvolvidos ao longo do tempo por meio de boas práticas, constância e convivência.

Esta pesquisa investigou a prática do canto coral desenvolvida com crianças e adolescentes atendidos pela Rede Cidadã, programa socioeducativo vinculado à Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso (SESP-MT), em Cuiabá-MT. O coral, ponto de encontro das vozes, constituiu o eixo central da proposta, articulando-se às rodas de conversa e às demais experiências musicais vividas pelos participantes. A proposta foi pensada como um espaço musical formativo e acolhedor, no qual os alunos pudessem se sentir ouvidos, respeitados e pertencentes.

O programa no qual a pesquisa foi desenvolvida atua na prevenção da violência, na promoção da cultura de paz e no acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. Nesse contexto, observou-se que parte dos participantes não se identificava com as aulas de instrumento, embora demonstrasse interesse em permanecer naquele ambiente de convivência. A implementação do canto coral surgiu como uma possibilidade de ampliar a participação dos alunos por meio de uma prática coletiva fundamentada na escuta, na convivência e na construção compartilhada de experiências musicais.

Ao longo do processo, o coral consolidou-se como um espaço de aprendizagem musical, diálogo, participação e construção de vínculos. As experiências vividas foram acompanhadas por meio de registros de observação, entrevistas com alunos e responsáveis, rodas de conversa e questionários aplicados em dois momentos da pesquisa, permitindo compreender diferentes aspectos relacionados à vivência coral.

Diante desse contexto, a pesquisa teve como objetivo compreender como a prática do canto coral contribuiu para as experiências vividas por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Para isso, os dados foram analisados a partir dos eixos motivação, experiência emocional e identidade, buscando refletir sobre as possibilidades da prática coral como espaço de formação musical e desenvolvimento humano.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, com objetivos descritivos, desenvolvido a partir da implementação da prática coral em um programa público de atendimento a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A abordagem qualitativa justifica-se porque esse tipo de pesquisa adota um enfoque interpretativista, segundo o qual “o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que a vivenciam” (GIL, 2021, p. 63), mostrando-se adequada ao “estudo da experiência vivida e dos complexos processos de interação social” (p. 63). O delineamento como estudo de caso fundamenta-se na compreensão de que essa modalidade “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2021, p. 63), sendo apropriada à investigação de fenômenos contemporâneos em seu contexto real. Os objetivos da pesquisa são descritivos, voltados à caracterização do grupo participante e das experiências vividas na prática coral.

Participaram crianças e adolescentes de 8 a 17 anos que optaram pela modalidade de canto coral oferecida pelo programa. O recorte temporal correspondeu ao ano letivo de 2025, entre 17 de março, data da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e 20 de dezembro, data da última entrevista realizada. Nesse percurso, o pesquisador atuou também como professor e regente do coral, acompanhando diretamente as aulas e as interações do grupo.

Para a produção dos dados, foram utilizados diferentes recursos metodológicos: observação participante, registros de observação, rodas de conversa, entrevistas com alunos e responsáveis e questionário complementar de percepção dos participantes. A observação participante permitiu acompanhar diretamente as práticas e interações das aulas, uma vez que "consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo" (GIL, 2021, p. 121). Os registros de observação documentaram acontecimentos significativos do cotidiano do coral, incluindo falas, formas de engajamento, vínculos e percepções do pesquisador. As rodas de conversa favoreceram momentos de escuta coletiva, criando um ambiente em que "todos possam se sentir à vontade para partilhar e escutar" (MOURA; LIMA, 2014, p. 100). As entrevistas buscaram aprofundar as percepções de alunos e responsáveis sobre a participação no coral, enquanto o questionário, aplicado em dois momentos da pesquisa, nos dias 2 de julho e 10 de dezembro de 2025, reuniu informações relacionadas à participação, acolhimento, pertencimento, expressão emocional, trabalho em equipe, confiança e aprendizagem.

A análise dos dados foi orientada pelos eixos analíticos motivação, experiência emocional e identidade. Os procedimentos envolveram leitura dos registros, seleção de trechos significativos, codificação, agrupamento por aproximação temática e triangulação entre as diferentes fontes. No estudo de caso, a codificação consiste em atribuir designações aos conceitos relevantes, permitindo que os dados possam ser "categorizados, comparados e ganhar significado ao longo do processo analítico" (GIL, 2021, p. 182), enquanto a triangulação consiste em "confrontar a informação obtida por uma fonte com outras, com vistas a corroborar os resultados da pesquisa" (GIL, 2021, p. 184).

A pesquisa observou os cuidados éticos necessários ao trabalho com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, aprovada pelo CEP Humanidades/UFMT (Parecer nº 7.446.819). A participação foi condicionada ao consentimento dos responsáveis e ao assentimento dos participantes, sendo adotados procedimentos de preservação da identidade e confidencialidade dos dados.

Durante a preparação deste trabalho, o autor utilizou o ChatGPT, da OpenAI (GPT-5.5, versão disponível em 14 de setembro de 2026), para revisão de linguagem, tradução de texto e apoio à análise qualitativa e quantitativa de dados, com posterior conferência humana. Após o uso desta ferramenta, o autor revisou e editou o conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Discussão e resultados

A análise foi organizada segundo os eixos motivação, experiência emocional e identidade, com subcategorias que reuniram recorrências, aproximações e diferenças entre os participantes. Os resultados são compreendidos como processos vividos de formas distintas, relacionados às trajetórias individuais e às relações construídas no grupo.

Motivação

A motivação pode ser definida como “um processo que move a pessoa a realizar uma determinada ação” (TONI, 2024, p. 15), abrangendo as condições que antecedem a participação, o engajamento e seus resultados. No coral, manifestou-se no desejo de aprender, na satisfação proporcionada pela prática musical, nos vínculos construídos e nos sentidos atribuídos à experiência. A partir desses aspectos, foram organizadas as subcategorias aprendizagem, autorrealização, prazer, pertencimento e cuidado, inter-relacionadas nas formas como os participantes se envolveram com as atividades e permaneceram no grupo.

Aprendizagem

A aprendizagem apareceu como um dos principais motivos de aproximação e permanência no coral, especialmente pelo interesse em desenvolver o canto. Uma participante relatou: “Eu diria que o coral é muito bom, porque você aprende a cantar e também se apega às aulas, passa a gostar bastante” (Aluno1, 15 dez. 2025).

O relato evidencia que o desejo de aprender esteve associado ao vínculo construído nas aulas, aproximando-se da compreensão de que “preparação, tempo e ambiente devem juntos formar a motivação” (SUZUKI, 1994, p. 14). Nos ensaios, os participantes passaram a reconhecer seus avanços, percepção também identificada no questionário, cuja questão sobre aprender algo novo apresentou as maiores médias do instrumento: 9,4 na primeira coleta e 8,5 na segunda. Esses resultados relacionam a aprendizagem ao desenvolvimento musical e ao reconhecimento de capacidades pessoais, aspecto que dialoga com a autorrealização.

Autorrealização

A autorrealização pôde ser percebida quando o coral se tornou um espaço em que os alunos deram forma a desejos já existentes, como cantar, expressar-se e sonhar com o futuro. Uma participante afirmou: “Eu participo porque eu quero me sentir feliz, cantar e mostrar para os outros o meu talento, o que eu gosto de fazer” (Aluno15, 15 dez. 2025). O relato associa o desejo de cantar à possibilidade de expressar aquilo que a participante reconhecia em si mesma. Ao desejar compartilhar seu talento, atribuiu ao coral um espaço de expressão e realização pessoal. Essa experiência aproxima-se da compreensão apresentada por De Quadros e Amrein na obra *Empowering Song: Music Education from the Margins*, segundo a qual “[…] quando cantamos, anunciamos nossa existência ao mundo” (DE QUADROS; AMREIN, 2023, p. 69, tradução nossa).

Nos ensaios, os participantes passaram gradualmente a ocupar espaços de maior exposição, cantando diante dos colegas, projetando a voz e reconhecendo capacidades antes despercebidas. Nessa perspectiva, “[…] o ambiente de educação musical pode ser um espaço de incubação para a autorrealização individual […]” (DE QUADROS; AMREIN, 2023, p. 68, tradução nossa). Assim, o canto favoreceu o reconhecimento dessas capacidades e a ocupação de novos lugares no coletivo.

Prazer

O prazer apareceu como motivação relacionada ao gosto de cantar e de participar do coral. Uma aluna afirmou: “Que eu participo porque gosto de cantar músicas diferentes”

(Aluno40, 15 dez. 2025), indicando que o contato com repertórios variados constituía fonte de satisfação. O questionário reforça essa compreensão, pois o gosto por participar das atividades apresentou mediana 10 nas duas coletas.

Cantar, experimentar diferentes repertórios e compartilhar descobertas com os colegas mostraram-se suficientes para sustentar o interesse e a permanência nas atividades. Essa compreensão aproxima-se da categoria “prazer”, descrita como a “gratuidade artística, música pela música, pelo simples prazer de fazer música” (FERNANDES, 2023, p. 17).

O repertório foi construído com a participação dos alunos, favorecendo a ampliação da escuta. Nesse processo, “músicas que não faziam parte do gosto musical dessas pessoas passaram a ter significado para elas” (FERNANDES, 2023, p. 12), aspecto também observado nesta pesquisa.

Assim, o prazer esteve relacionado ao reconhecimento de repertórios já apreciados e à descoberta de novas sonoridades, contribuindo para o envolvimento dos participantes com a prática coral.

Pertencimento

O pertencimento apareceu como uma das motivações mais recorrentes nas entrevistas, sendo percebido quando o coral foi descrito como um espaço de convivência, acolhimento e construção de vínculos. Ao refletir sobre sua experiência, uma aluna afirmou: “Eu diria que o coral é como uma casa pra mim. Um lugar que me abraça, que me acolhe. Eu sou muito feliz aqui” (Aluno17, 15 dez. 2025).

A comparação com a casa sugere que o coral foi vivenciado como um espaço de segurança e proximidade, no qual a participante encontrou condições para permanecer e construir vínculos. Essa associação aproxima-se da compreensão de que a “segurança oferecida pelo pertencimento” corresponde a um dos valores “similarmente acalentados e igualmente indispensáveis para uma existência humana decente e madura” (BAUMAN, 2005, p. 85).

Outra resposta reforça essa compreensão: “Porque é legal. Eu me sinto acolhido pelo coral. Me sinto mais estável quando estou junto com o grupo, cantando, ajudando, participando” (Aluno14, 15 dez. 2025). Nessa perspectiva, “cantar é uma forma de

pertencimento a um grupo" (BETANCOURT DEL CASTILLO, 2021, p. 150, tradução nossa), compreensão que se aproxima das experiências observadas nesta pesquisa.

Ao longo do processo, os vínculos foram fortalecidos nas rodas de conversa e nas atividades coletivas. O questionário também indicou uma percepção positiva da aproximação entre os colegas e do acolhimento no coral, embora respostas mais baixas na segunda coleta revelem que essa experiência não ocorreu de forma homogênea. Ainda assim, os resultados sugerem que o pertencimento favoreceu relações de cooperação e participação no grupo.

Cuidado

Embora não constitua uma prática terapêutica formal, o coral foi vivido por alguns participantes como espaço de cuidado, ajudando-os a lidar com emoções e experiências do cotidiano. Essa percepção aparece no relato: "Porque o coral faz parte de mim. Ele me ajuda a controlar minha ansiedade. Ele me acalma" (Aluno41, 15 dez. 2025).

A expressão "faz parte de mim" sugere que a prática coral foi incorporada ao cotidiano da participante, contribuindo para experiências de acolhimento e bem-estar. Nessa perspectiva, "a música nos conectava, e a crescente amizade entre nós nos permitia baixar a guarda e nos emocionar com o que ouvíamos" (LEVITIN, 2025, p. 255), indicando que a experiência musical compartilhada pode fortalecer vínculos e abertura emocional.

Essa compreensão também dialoga com De Quadros e Amrein (2023), ao retomarem Archibald (2007), segundo os quais o conhecimento construído na experiência integra as dimensões emocional, física, intelectual e espiritual do desenvolvimento humano, favorecendo processos de cura e interconexão. Nas aulas, o coral constituiu-se como espaço de diálogo, acolhimento e compartilhamento de experiências, ao qual os participantes atribuíram significados relacionados ao cuidado e ao bem-estar.

Experiência emocional

A experiência emocional constituiu um dos eixos de análise desta pesquisa, compreendendo as formas pelas quais os participantes vivenciaram e atribuíram significado às emoções mobilizadas pela prática coral. Conforme Toni, "o modo como as músicas e

canções são apresentadas pode influenciar nos processos motivacionais e emocionais dos estudantes" (TONI, 2025, p. 113). A análise foi organizada nas subcategorias memórias afetivas, alegria, expressão, tranquilidade e autocontrole.

Memórias afetivas

As memórias afetivas apareceram de forma recorrente nas falas dos participantes, evidenciando como determinadas músicas passaram a ser associadas a pessoas, acontecimentos e experiências significativas. Uma participante afirmou: "A música Aliança me lembra do meu avô, que faleceu há dois anos…" (Aluno1, 15 dez. 2025). Outro relato destacou: "A minha bisavó cantava uma música pra mim. Essa música ficou guardada em mim" (Aluno17, 15 dez. 2025).

As memórias evocadas pela música nem sempre estiveram associadas a experiências agradáveis. Em alguns casos, favoreceram o contato com conflitos e aspectos sensíveis da história de vida dos participantes, como no relato: "Anti-herói, porque ao mesmo tempo que eu vejo meus pais, eu também não quero ser como eles…" (Aluno18, 15 dez. 2025).

Essas experiências evidenciam que a prática musical favoreceu a construção de significados relacionados às trajetórias pessoais, conectando passado e presente por meio das emoções despertadas pelo repertório. Assim, "as experiências emocionais com a música são importantes […] para o desenvolvimento musical, emocional, social e cultural de jovens, assim como no processo de construção de suas identidades" (TONI, 2025, p. 107).

Alegria

A alegria destacou-se nas falas dos participantes, associada ao ato de cantar e à convivência com o grupo. Um participante afirmou: "Eu me sinto animado, bem alegre, não só por escutar a minha voz, mas também a de todo mundo" (Aluno15, 15 dez. 2025). Esse relato aproxima-se de resultados nos quais crianças e adolescentes associaram a experiência musical a sentimentos como sentir-se "bem, feliz, alegre, enérgica, excitada" (PALHEIROS, 2006, p. 317).

Em alguns casos, essa experiência esteve relacionada a mudanças na forma de perceber a si mesmos. Uma aluna afirmou: “Sim, mudou minha alegria. Antes eu era mais fechadinho, calado, não cantava muito, ficava só na minha” (Aluno3, 15 dez. 2025). O relato sugere que a participação no coral contribuiu para sentimentos positivos e maior abertura à convivência e à expressão de si.

As observações das aulas reforçaram essa compreensão, evidenciada nas risadas, no entusiasmo durante os ensaios e na satisfação diante dos avanços do grupo. Esses resultados sugerem que a alegria fortaleceu o envolvimento dos participantes.

Expressão

A expressão evidenciou-se nas falas dos participantes, associada ao canto como forma de exteriorizar sentimentos e vivências difíceis de verbalizar. O coral foi percebido como espaço de comunicação emocional por meio da música.

O canto possibilitou acessar e expressar o que sentiam, como revelam os relatos: “Parece que eu consigo soltar alguma coisa dentro de mim” (Aluno43, 15 dez. 2025) e “Cantar é como soltar a sua voz. Parece que você está preso em um lugar e aí você se solta” (Aluno40, 15 dez. 2025). Essas experiências aproximam-se da compreensão de que “a música nos ajuda a expressar e processar emoções que não conseguimos dizer verbalmente, nem aos outros, nem a nós mesmos” (LEVITIN, 2025, p. 143).

No canto e nas rodas de conversa, alguns participantes encontraram formas de comunicar sentimentos, opiniões e vivências que dificilmente apareciam em outros contextos. Assim, a expressão favoreceu a manifestação de experiências e emoções, contribuindo também para o acolhimento e a serenidade.

Tranquilidade

A tranquilidade apareceu nas falas dos participantes associada ao canto coletivo, à escuta e às características do repertório. Um participante afirmou: “Eu sinto paz. As mudanças de tom de voz, as músicas que a gente canta… o conteúdo delas é gratificante” (Aluno14, 15

dez. 2025). Outro destacou: “Porque a melodia me deixa mais calmo. Não são músicas agitadas nem agressivas” (Aluno34, 15 dez. 2025).

Os relatos sugerem que a prática coral contribuiu para experiências de serenidade e acolhimento. Essa percepção também apareceu nas observações das aulas, especialmente após momentos de escuta, rodas de conversa e execução do repertório, quando participantes que chegavam mais agitados ou dispersos demonstravam maior envolvimento e tranquilidade. Para parte do grupo, a experiência musical parece ter contribuído para processos de reorganização emocional, relacionados às formas de autocontrole discutidas a seguir.

Autocontrole

As musicoterapias “demonstraram diminuir a ansiedade e a depressão, estabilizar ou melhorar o humor e produzir melhorias no autocontrole” (LEVITIN, 2025, p. 106). Embora o coral não tenha sido compreendido como uma prática terapêutica formal, os relatos indicaram mudanças relacionadas à paciência, ao equilíbrio emocional e à forma de lidar com o outro.

Um participante afirmou: “Autocontrole com as crianças. Antes eu não tinha muito controle, agora eu tenho mais paciência” (Aluno14, 15 dez. 2025). Outra participante destacou: “Eu aprendi que a gente tem que ter muita paciência. […] Que a gente tem que ajudar um ao outro” (Aluno45, 15 dez. 2025).

Os relatos sugerem que a experiência coral contribuiu para formas mais cuidadosas de lidar com diferenças, frustrações e relações interpessoais, ampliando a paciência, a cooperação e a atenção ao outro.

Identidade

A identidade constitui o terceiro eixo de análise e é compreendida como um processo construído nas relações e nas formas como os sujeitos passam a se perceber e a ser reconhecidos no coletivo. Nessa perspectiva, o sujeito contemporâneo é entendido como

alguém “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12). Em diálogo com essa compreensão, a identidade pode ser entendida como “fluida e flutuante, multivocal e interativa” (DE QUADROS; AMREIN, 2023, p. 73, tradução nossa). A análise foi organizada nas subcategorias pertencimento, autoconhecimento, autoestima e autonomia.

Pertencimento

O pertencimento manifestou-se quando os participantes passaram a se reconhecer como parte do grupo. Um deles descreveu seu lugar no coletivo: “Me sinto como uma peça no quebra-cabeça sendo juntada” (Aluno6, 15 dez. 2025). Em outro relato, essa experiência apareceu em contraste com vivências anteriores de exclusão: “Em outros lugares eu já fui excluída… e aqui no coral, quando eu entrei, me ajudou muito mesmo” (Aluno46, 15 dez. 2025).

Os relatos sugerem que o coral fortaleceu vínculos, confiança e reconhecimento, permitindo aos participantes perceber seu lugar no coletivo. Em um contexto no qual formas tradicionais de pertencimento se fragilizam e já não conseguem “calar a sede por convívio ou aplacar o medo da solidão e do abandono” (BAUMAN, 2005, p. 37), a experiência coral ampliou as possibilidades de participação e compreensão de si.

Autoconhecimento

O autoconhecimento manifestou-se quando os participantes passaram a reconhecer aspectos de si antes não percebidos. Uma participante afirmou: “Eu descobri que gosto de cantar. Eu não sabia disso antes” (Aluno45, 15 dez. 2025). O relato sugere que a experiência coral contribuiu para a descoberta de novos interesses e possibilidades de expressão, aproximando os participantes de aspectos da própria identidade.

Essa compreensão dialoga com a ideia de que “a música nos ajuda a expressar e processar emoções que não conseguimos dizer verbalmente, nem aos outros, nem a nós mesmos” (LEVITIN, 2025, p. 143). As rodas de conversa também contribuíram para esse processo, permitindo que os participantes refletissem sobre suas vivências, compartilhassem sentimentos e lhes atribuíssem novos sentidos.

Em perspectiva semelhante, “as histórias que contamos sobre nós mesmos podem dar sentido para as nossas vidas e as nossas relações, modificando-as” (CARRIJO; RASERA, 2010, p. 127). Assim, as narrativas dos participantes indicam movimentos de reconhecimento de si e ampliação da compreensão sobre suas experiências e possibilidades de expressão.

Autoestima

A autoestima evidenciou-se nas mudanças relacionadas à forma como os participantes passaram a perceber a própria voz e suas capacidades. Uma participante relatou: “Eu achava que a minha voz não era muito bonita, mas quando eu comecei a fazer coral, eu percebi que a minha voz não era tão ruim assim” (Aluno1, 15 dez. 2025).

Essa transformação também apareceu na forma como passaram a se reconhecer. Uma aluna afirmou: “Me sinto bem… me sinto cantora” (Aluno18, 15 dez. 2025). Essas experiências aproximam-se da compreensão de que “a afirmação da identidade na prática e por meio da prática constitui um aspecto vital e gerador de vida do *Empowering Song*. Por meio do ato de explorar, em um processo relativamente pouco regulado, a identidade pode ser reformulada” (DE QUADROS; AMREIN, 2023, p. 73, tradução nossa).

No questionário, a média referente à confiança para cantar diante de outras pessoas aumentou de aproximadamente 6,3 para 6,9. Contudo, a dispersão das respostas indica que essa permaneceu uma experiência sensível para parte dos participantes. Os resultados sugerem maior confiança na própria voz e ampliação das possibilidades de expressão, aspectos relacionados aos movimentos de autonomia discutidos a seguir.

Autonomia

O fortalecimento da autonomia esteve associado à forma como os participantes passaram a se perceber mais presentes nas relações dentro e fora do grupo. A voz pode constituir-se como possibilidade “de empoderamento e de expressão de si” (WEINGÄRTNER, 2024, p. 2), relacionando canto, identidade e participação social.

Uma participante afirmou: “Acho que eu comecei a ser mais participativa, a participar mais das coisas” (Aluno42, 15 dez. 2025). Esse movimento também apareceu na maior

disposição para cantar, participar das rodas de conversa e assumir papel mais ativo nas atividades coletivas. A entrevista com uma responsável reforça essa percepção: “Minha filha está mais comunicativa, está participando das atividades da igreja” (Mãe41, 20 dez. 2025).

Essas observações dialogam com a trajetória de um participante de psicoterapia de grupo que passou a perceber-se como “uma pessoa mais autônoma, segura, que está tendo controle sobre si mesmo” (CARRIJO; RASERA, 2010, p. 135). Embora em contextos distintos, ambos os processos sugerem que experiências coletivas podem contribuir para formas mais autônomas de participação e de relação consigo e com os outros.

O questionário, entretanto, convida a uma leitura mais cautelosa. A média referente à confiança para enfrentar desafios fora das aulas diminuiu de aproximadamente 8,1 para 6,4, indicando que essa percepção não foi uniforme. Embora entrevistas, registros de observação e relatos dos responsáveis apontem mudanças na participação e na confiança de alguns alunos, a autonomia mostrou-se um processo ainda em construção.

Nessa perspectiva, “[…] quando cantamos, anunciamos nossa existência ao mundo” (DE QUADROS; AMREIN, 2023, p. 69, tradução nossa). Os resultados sugerem que a prática coral criou oportunidades para que os participantes reconhecessem a própria voz como forma de presença, participação e expressão em diferentes espaços de convivência.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou compreender como a prática do canto coral contribuiu para as experiências de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, considerando os eixos motivação, experiência emocional e identidade. Os resultados sugerem que o coral, organizado como espaço de escuta, convivência e participação, pode contribuir para o desejo de aprender, o prazer de cantar, a construção de vínculos, a expressão das emoções, o reconhecimento de capacidades e a participação no grupo. Essas experiências ocorreram de formas e intensidades distintas.

A triangulação entre registros de observação, rodas de conversa, entrevistas e questionários permitiu compreender o fenômeno sob diferentes perspectivas. A entrada e a saída de participantes ao longo do ano constituíram um limite da pesquisa. O estudo não

pretende oferecer um modelo para contextos de vulnerabilidade social, mas sistematizar uma experiência socioeducativa que articula aprendizagem musical, desenvolvimento humano e prática coral.

As experiências analisadas nesta pesquisa convidam a refletir sobre a responsabilidade daqueles que ensinam música. As relações construídas no cotidiano dos ensaios, as escolhas pedagógicas, a forma de escutar, de conduzir o grupo e de reconhecer cada participante revelaram-se tão importantes quanto o próprio repertório. Nesse sentido, o canto coral constituiu um espaço em que a aprendizagem musical, a participação, a construção de vínculos e o reconhecimento de cada pessoa puderam ser desenvolvidos de maneira integrada. Desse modo, o compromisso dos educadores musicais talvez não seja apenas formar coros tecnicamente consistentes, mas cultivar ambientes que articulem essas diferentes dimensões da experiência coral.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BETANCOURT DEL CASTILLO, Jesús Héctor. *El Dragón de Jade: poética y convivialidad en Cuernavaca*. 2021. Tese (Doutorado em Estudios Humanísticos) – Tecnológico de Monterrey, Campus Ciudad de México, Ciudad de México, 2021.

CARRIJO, Rafael Santos; RASERA, Emerson Fernando. Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 125–140, 2010.

FERNANDES, José Fortunato. Significados da música para pessoas em privação de liberdade. *Revista da ABEM*, v. 31, n. 1, e31106, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33054/ABEM202331106>. Acesso em: 13 maio 2026.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. [3. reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEVITIN, Daniel J. *A cura pela música: o poder terapêutico dos sons para cuidar do corpo e da mente*. Tradução de Renato Marques. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98–106, jan./jun. 2014.

PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes em diferentes contextos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 14, p. 69–80, mar. 2006.

QUADROS, André de; AMREIN, Emilie. *Empowering Song: Music Education from the Margins*. New York: Routledge, 2023.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor: um novo método de educação*. Tradução de Waltraud Suzuki. Revisão de Francesca C. M. R. Almeida. 2. ed. Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1994.

TONI, Anderson. Experiências emocionais na filosofia da educação musical praxial: discussões e implicações. In: CARDOSO, Renato; FIGUEIREDO, Sérgio (orgs.). *Filosofias em educação musical*. Porto Alegre: Textura Editorial, 2025. p. 90–123.

TONI, Anderson. Motivação e engajamento em contextos de prática, ensino e aprendizagem de música. *Orfeu*, Florianópolis, v. 9, n. 1, e0203, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2525530409012024e0203>. Acesso em: 14 jun. 2026.

WEINGÄRTNER, Daniela. Vozes plurais, identidade, estereótipos e possibilidades de empoderamento. *In:* CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 34., 2024, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: ANPPOM, 2024. p. 1–9. Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2402/public/2402-10840-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2026.